

INFORMAÇÃO À ACADEMIA

REQUIEM PELO CONSELHO DE REPÚBLICAS

Numa altura em que a política do capital, devido às necessidades prementes de acumulação, tomava através de seu porta-voz, -Governo-, uma forma francamente fascista e em que o sistema nem sequer podia comportar uma certa contestação malévola e centrista, o Conselho de Repúblicas encontrou um meio propício para trabalhar: afastamento das massas, não existência de grupos teóricamente formados, e conseqüentemente, impossibilidade de funcionamento das estruturas autenticamente representativas.

Substituindo-se às organizações de massa, e aproveitando-se da consciência democrática do estudante, que não punha em causa as contradições sociais nas suas últimas conseqüências, -a luta de classes -, o Conselho de Repúblicas lança-se num processo de luta que conseguiu em determinada época histórica apoio das massas, mas que estas, pela sua dinâmica própria, viriam a ultrapassar. Torna-se então, o Conselho de Repúblicas, o eco da consciência retrógrada das camadas mais recuadas dos estudantes. Assim, a Direção da A.A.C. de 68/69, Direção C.R., apresentou-se ainda durante a sua legislatura como refreadora dos estudantes, quando os aconselhou em Outubro/69 a pararem o seu movimento e a irem a exames.

Note-se ainda que o programa desta Direção, dada a extrema centralização do organismo de que provinha, não foi elaborado através de discussões a nível de Repúblicas, nem sequer a nível do Conselho, mas simplesmente cozinhado por um determinado número de cabeças.

De facto debruçamo-nos sobre uma organização que funciona em moldes de uma democraticidade falsa e caracterizada por um centralismo acentuado. Isto, porque de escalão em escalão (o delegado da casa é representante da maioria; o Conselho emite a opinião da maioria) vai havendo sucessivamente uma marginalização de um largo sector de opinião do próprio Conselho. A decisão resulta, portanto, dum longo processo de refinamento. (na hipótese de existirem 30 Repúblicas, a decisão da maioria de 16 Repúblicas vincula todos os elementos das restantes.) Não há dúvida quanto ao falseamento da democraticidade directa que só poderia ser dada pela Assembléa Geral de todos os elementos de todas as casas.

Esta esclerose organizativa irá permitir o domínio "teórico" (teoria reformista) de elementos de determinadas repúblicas sobre todas as outras (neutras, caladas como túmbas).

Nem nós nem o Movimento Estudantil está interessado em que o Conselho de Repúblicas, como já o tem vindo a fazer, se utilize da consciência centrista de certas camadas estudantis e possa tornar a vir a ser o entrave número um da radicalização das massas.

Neste nível de decadência, o Conselho de Repúblicas não poderá ser "mais uma trincheira de luta", apesar de um último e vão esforço de alargamento de base da instituição.

Por outro lado, todas as ilusões cooperativistas, do tipo cooperativa de inquilinos, só poderão reiterar uma política reformista visando a constituição de ilhas de um "socialismo de face humana" dentro da sociedade capitalista, com a qual vai pactuando e contra a qual se recusa a lutar globalmente.

O que restará ao C.R. será conservar a sua faceta tradicionalista, imbuída de um certo casticismo de fados, copos de vinho, campeonatos de matreiros e suecas com um fundo negro de capas e batinas.

... Enfim abandonamos!...

REPÚBLICA DOS 1000-Y-ONÁRIOS

REPÚBLICA DOS PIM-PIM-NELAS

REPÚBLICA TRUMFÉ-KOPOS

COIMBRA, 28/11/70.